

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROF.º ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EDIMAR JOSÉ SOUSA DA SILVA

f

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO
AUTORITÁRIA x DIALÓGICA NA SALA DE AULA**

PARNAÍBA
2010

EDIMAR JOSÉ SOUSA DA SILVA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO
AUTORITÁRIA x DIALÓGICA NA SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
como pré-requisito para obtenção do Título de
Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da
Professora Mestranda Fabricia Pereira Teles.

Biblioteca UESPI - PHB'
Registro Nº M338
CDD 370.733
CUTTER S586P
V _____ EX. 02
Data 15 / 10 / 2010
Visto Janeiro

PARNAÍBA
2010

Catálogo na Fonte

Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - UESPI

S586p SILVA, Edimar José Sousa da

A prática Pedagógica do Professor e Sua Relação
Autoritária x Dialógica na Sala de Aula./Edimar José
Sousa da silva – Parnaíba, 2010.
51p.

Monografia – Universidade Estadual do Piauí, 2010.

Orientadora: Prof. Fabricia Pereira Teles.

01. Autoridade; 02. Professor; 03. Diálogo;
04. Pratica pedagógica.

CDD -370.33

EDIMAR JOSÉ SOUSA DA SILVA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO
AUTORITÁRIA x DIALÓGICA NA SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
como pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Fabricia Pereira Teles/UESPI
Orientadora

Ana Paula Freitas da Cunha/SEDUC
Examinador Externo

Maria Sueli Lopes da Silva/UESPI
Examinador Interno

Agradeço em especial a DEUS, pelo Dom da Vida, aos Meus Pais - Bernardo e Conceição - pelos ensinamentos na vida; aos meus familiares pela confiança depositada; a minha noiva e futura esposa, M^a do Socorro, pelo carinho e dedicação; a família da minha noiva pelo apoio. Aos meus educadores, e a minha professora e orientadora Fabricia Teles, que colaboram desde os primeiros passos educacionais até mais uma graduação. Aos meus Amigos pelo incentivo nos estudos; a todos que contribuíram na minha formação acadêmica e profissional, fico grato e lisonjeado pela força que me deram em vencer mais um obstáculo.

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos, a
minha noiva, M^a do Socorro, e a todos os meus
familiares, amigos e corpo docente da UESPI.

“ O bom e sensato professor bem sabe que as sábias normas e as ponderadas leis não podem e não devem ser desrespeitadas. Elas são importantes e necessárias, mas quando sabiamente interpretadas, e honrosamente exigidas.”

Menegolla, 1989.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa realizado com as professoras de duas escolas públicas municipais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano da cidade de Parnaíba, teve como foco a prática pedagógica do professor à respeito da postura autoritária e dialógica. A pesquisa foi baseada em alguns referenciais teóricos como: Chizzotti(2003), Fazenda(2001), Freire(1996), Libâneo(1994), Menegolla(1989), Santanna(2002), Tiba(2006), dentre outros; onde foi possível fundamentá-lo melhor. A opção por uma pesquisa de caráter qualitativo implica numa compreensão e integração da pesquisa com os instrumentos envolvidos, onde através das observações e utilização dos questionários aplicados construiu benefícios para uma visão sobre as relações de diálogo e autoridade em sala de aula. A pesquisa está estruturada em três capítulos, no primeiro capítulo são apresentados os aspectos teóricos e metodológicos com seus enfoques, como: colaboradores da pesquisa, contexto empírico, instrumentos, observação, questionários e categorias de análise; no segundo capítulo tratamos da prática pedagógica: relação professor e aluno, fundamentada no contexto de como ocorre a prática entre as relações de autoridade e as consequências com o aluno; focalizando o diálogo para um bom relacionamento e auxílio na aprendizagem. Já o último capítulo é baseado na análise e compreensão, de acordo com aplicação dos questionários realizados com as professoras observadas, enfatizando os aspectos que cada uma teve com relação a autoridade, bem como, o posicionamento e opinião das mesmas sobre como relacionar autoridade e diálogo em sala de aula. Nesse capítulo, constatamos o posicionamento das professoras sobre as questões de autoridade e diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Autoridade. Professor. Diálogo. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This research was conducted in a public school, with two teachers from elementary school - 1st to 5th grade in Parnaíba city, it was focused on their pedagogical practice as authoritarian stance and dialogic. The research was based on some theoretical as Chizzotti (2003), Fazenda (2001), Freire (1996), Libâneo (1994), Menegolla (1989), Santanna (2002), Tiba (2006), among others. The choice for a qualitative research implies an understanding, integration of research with instruments involved, through observations and questionnaires built benefits for an insight into relations of dialogue and authority in the classroom. This work is structured into three chapters, the first one presents the theoretical and methodological aspects with their approaches, such as research collaborators, empirical context, instruments, observation, questionnaires and analysis categories. In the second chapter dealt with the pedagogical practice: relationship between teacher and student, based on context as practice of relations with authority and consequences to their student, focusing on dialogue for a good relationship and aid in learning. The last chapter is based on analysis and understanding, in according to questionnaires conducted with the teachers observed, emphasizing respect and authority, as well as position and opinion on how to relate the same authority and dialogue in the classroom. In that chapter, we realized their attitude about authority and dialogue.

KEYWORDS: Authority. Teacher. Dialogue. Pedagogical practice..

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA...	13
1.1. A pesquisa	13
1.2. Colaboradores da pesquisa	14
1.3. Contexto Empírico.....	16
1.4. Observação	16
1.5. Questionário	17
1.6. Categorias de Análise	17
CAPÍTULO II – PRÁTICA PEDAGÓGICA: relação professor e aluno.....	18
2.1. A prática pedagógica do professor em sala de aula	18
2.2. A autoridade do professor e os aspectos que influenciam o aluno	22
2.3. O diálogo do professor em sala de aula.....	25
CAPÍTULO III – ANÁLISE E COMPREENSÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR EM SALA DE AULA	31
3.1. A prática pedagógica do professor em sala de aula.....	31
3.2. A visão sobre autoridade e a relação com os alunos	33
3.2.1 A relação de autoridade e autoritarismo	35
3.3. O posicionamento do professor frente aos aspectos do diálogo e da autoridade em sala de aula.....	37
3.4. A Opinião acerca da postura adotada pelo professor em sala de aula.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	46

INTRODUÇÃO

Na relação professor e aluno há sempre pontos positivos que direcionam para uma ação harmoniosa entre ambas as partes. Contudo, essas relações não são um “mar de rosas”, o que às vezes leva a um certo confronto entre eles, e é exatamente aí onde acontecem conflitos na relação da prática pedagógica dialógica e autoridade do professor na escola.

Uma das funções da socialização do indivíduo na escola é a construção de momentos prazerosos em que o aluno, para uma boa aquisição do conhecimento, poderá estabelecer um vínculo de saberes e atitudes diante destas posturas de diálogo e autoridade do professor. Vale ressaltar que nem sempre a causa do professor para tal postura é devido a sua maneira de dar aula, mas também a forma como os alunos mantêm um comportamento indisciplinar dentro e fora do ambiente escolar, pois isso dependerá do professor e da relação com sua turma.

Várias são as causas que levam um professor a ser autoritário ou manter uma relação dialógica diante de sua prática pedagógica, dentre esses tipos estão professores que em sua vida levam traços de revolta e transtornos. Vemos a todo instante, reclamações a cerca da sua prática e isso leva a um ensino de má qualidade, influenciando a vida estudantil do aluno.

O professor precisa ensinar o conhecimento, possibilitando ao aluno uma educação mais sólida e produtiva, mas isso não quer dizer que a relação do aluno com o professor tenha uma harmonia excelente, em muitos casos o posicionamento do educador favorecerá esta ação, onde há vários fatores que o desestimula, como a desestruturação das escolas, ausência de materiais didáticos, eventos de formação cultural e social para os alunos e formação pedagógica continuada para os professores.

Nisto, como estabelecer um ensino de qualidade diante da realidade em que encontramos, a educação passada pelo professor e sua relação com seus alunos?

Percebemos que para existir uma boa prática de ensino na sala de aula, será preciso que o professor conheça a realidade em que se encontra o seu aluno, conhecendo melhor a vida do mesmo, vendo toda a estrutura dele como, por exemplo, se ele é de baixa renda, se é de família que possui uma estrutura boa que possa beneficiá-lo. Com isso, ele poderá estabelecer um vínculo de aprendizado e desenvolvimento escolar totalmente ligado com a vida do aluno.

Sendo assim, a relação da prática pedagógica do professor e do comportamento do aluno é bem intensa, passando a haverem pontos cruciais, capazes de modificar a postura do professor e o ensino transmitido para o aluno, pois a maior responsabilidade de um professor que tem a arte de ensinar é saber realmente se sua teoria condiz com a prática, onde o aluno possa espelhar-se nele para obter uma imagem boa e satisfatória para o seu conhecimento. Diante desse contexto questionamos: como compreender Prática Pedagógica do Professor na escola sobre as questões do diálogo e da autoridade?

Para dar conta do questionamento, lançamos como objetivo geral da pesquisa: investigar a compreensão do professor sobre a questão do diálogo e da autoridade na sala de aula. Como específicos,

- a) Identificar os problemas relacionados com a Prática Pedagógica do Professor em sala de aula, bem como a relação e conduta com os alunos;
- b) Conhecer a compreensão do professor sobre a questão do diálogo e autoridade do professor na sala de aula;
- c) Analisar a prática pedagógica do professor frente aos pontos do diálogo e sua autoridade em sala de aula.

A pesquisa foi trabalhada nos aspectos educacionais, auxiliando na concretização dos dados e facilitação da compreensão da didática educacional de professores em sala de aula. Para tanto, optou-se pela pesquisa do tipo qualitativa, que ajudou na prática de forma a valorizar os dados da investigação e enriquecê-los nos princípios metodológicos e experimentais da ação pedagógica, fortalecendo na realização de observações, no qual possibilitou a descrição e significação dos pontos verificados.

A aplicação de questionários foi realizada com perguntas abertas, que permitiu um crescimento cognitivo e capaz de encontrar possíveis soluções para explicar a prática pedagógica dialógica e autoritária do professor na escola. Sempre olhando os traços que esses professores trazem na sua vida educacional. Sabemos que não podemos aqui generalizar e chegar a pontos ditos como verdadeiros, mas os mais aproximados da realidade.

Para a maior verificação da prática pedagógica do professor na sala de aula no enfoque para o diálogo e da autoridade do professor, foi necessário esquematizar os aspectos

essenciais para a realização deste trabalho, com estruturas onde poderemos fomentar muitas coisas, às vezes, muito a mercê de resultados concretos e satisfatórios para educação, sendo que as práticas autoritárias e a realização de um bom diálogo em sala de aula constroem um clima favorável e um juízo de valor nos aspectos citados.

CAPÍTULO I

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor.

Freire

Neste primeiro capítulo discutimos aspectos metodológicos da pesquisa os quais colaboraram com o estudo sobre o tema. Destacamos assim, a discussão sobre o tipo de pesquisa adotado, colaboradores, contexto empírico, instrumentos, observação, questionário e categorias de análises. Para tanto, utilizamos como referencial teórico Chizzotti (2003), Fazenda (2001), Freire (1996), Libâneo (1994), Menegolla (1989), Santanna (2002), Tiba (2006), dentre outros.

1.1 A Pesquisa

A pesquisa sobre assuntos educacionais vem sendo fortalecida através da busca por melhores condições de trabalho do professor. Entretanto, os autores encontram dificuldades na investigação, em que o apoio e interesses por parte do professor ficam sempre a desejar, como coloca Fazenda (2001):

O educador, na maioria dos casos, era apenas objeto das pesquisas. A falta de formação em pesquisa e a ausência de uma linguagem pedagógica própria conduziram-no ao isolamento da sala de aula, isolamento esse agravado pelo desprestígio da carreira e falta de tempo para reflexão e estudo. Tradição em pesquisa é algo que não se adquire da noite para o dia e a comunidade acadêmica pedagógica já conta atualmente com seu próprio corpo de pesquisadores. (FAZENDA, 2001, p. 80).

Em meio ao objeto estudado optamos pela realização de uma pesquisa de caráter qualitativo que implica numa concepção de entendimento e colaboração na tomada de decisão para beneficiar as pessoas que estejam envolvidas no assunto estudado, sabendo que para isso não basta apenas coletar os dados e transformá-los em algo mais concreto, mas sim, desenvolvê-los da maneira mais eficaz e equilibrada para conseguir um melhor resultado.

Uma pesquisa introduz conceitos interessantes para quem está pesquisando, reforçando as características do que seja uma pesquisa de fato, assim Barros (1990) define [...] pesquisa como uma forma de estudo de um objeto. Esse estudo é sistemático e realizado com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovadas aos níveis do conhecimento obtido” (BARROS, 1990, p.30).

Para atender as exigências da pesquisa alguns instrumentos foram utilizados para a coleta de dados; como, a observação, que facilitou o contato direto entre o pesquisador com o problema que foi pesquisado, valendo-se ressaltar que esta observação caracteriza-se do tipo participante ou direta, cabendo aqui grandes fundamentos para uma melhor interação e interesse sobre o assunto.

Já a técnica da aplicação do questionário com as professoras das escolas visitadas, foi com questionários de perguntas abertas com a finalidade de encontrar fontes através de idéias subjetivas das professoras, cruciais para análise da autoridade e do diálogo dos professores com seus alunos.

Os vários autores respaldados na prática em pesquisa caracterizam-na como sendo: “[...] o esforço dirigido para a aquisição de um determinado conhecimento, que propicia a solução de problemas teóricos, práticos e/ou operativos; mesmo quando situados no contexto do dia-a-dia do homem” (BARROS, 1990, p.31). Na visão de alguns teóricos, como Fazenda e Barros, a dedicação na pesquisa e o embasamento teórico-prático fortalecem ainda mais o estudo pesquisado.

1.2 Colaboradores da Pesquisa

Fizeram parte do universo desta pesquisa, os professores e os alunos de 02(duas) escolas públicas municipais que foram: a Escola Municipal Francisca Ribeiro Borges dos Reis e a Escola Municipal Benedicto dos Santos Lima, localizadas no bairro Piauí, da cidade de Parnaíba, onde optaremos para a denominamos como escolas: X e Y, respectivamente.

A escolha por essas escolas foi em decorrência de sua localização e acessibilidade do pesquisador e porque também as escolas X e Y estão situadas no mesmo bairro, facilitando assim uma melhor constatação dos dados.

Foram utilizados durante a pesquisa documentos, como livros de vários autores, revistas, publicações de artigos bem como outros meios bibliográfico, científicos e eletrônicos que fundamentaram mais ainda este trabalho.

Demonstramos no quadro 01 o perfil das colaboradoras das 02 (duas) escolas públicas municipais da cidade de Parnaíba, que iremos denominar usando os símbolos: A, B, C, D, E, para as professoras da escola X; as professoras da escola Y são: P, Q, R, S e T; conforme podemos perceber no quadro abaixo:

Colaboradoras	Formação acadêmica	Tempo de profissão	Tempo na Escola	Escola
Professora A	Licen. Plena em Letras Português	15 anos	02 anos	X
Professora B	Curso Superior Incompleto.	22 anos	21 anos	X
Professora C	Licen. Plena em Pedagogia	22 anos	18 anos	X
Professora D	Licen. Plena em Pedagogia	23 anos	10 anos	X
Professora E	Licen. Plena em Pedagogia	26 anos	05 anos	X
Professora P	Curso Normal Superior	09 anos	07 anos	Y
Professora Q	Licen. Plena em Pedagogia	07 anos	07 anos	Y
Professora R	Licen. Em ciências da Religião	15 anos	15 anos	Y
Professora S	Licen. Plena em Pedagogia	09 anos	08 anos	Y
Professora T	Licen. Plena em Pedagogia	13 anos	01 mês	Y

Quadro 01: Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado às professoras

Tendo em vista que as escolas possuem o ensino fundamental de 1º ao 5º ano, escolhemos assim, um professor de cada ano educacional, mesmo havendo mais de um professor por série, mas sendo esses os professores do turno da tarde, nosso horário destinado para pesquisa.

1.3 Contexto Empírico

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas municipais da cidade de Parnaíba, as quais atendem alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

A escola X fica localizada na rua Frei Higino, S/Nº, no Bairro: Piauí, atende um público de mais ou menos de 600 alunos, nos turnos manhã, tarde e noite, com uma estrutura física de 06 salas de aula, sala de professores, sala da diretoria, banheiros, cantina, espaço para recreação e almoxarifado e abrange um área pequena em relação a estrutura escolar da escola Y.

A escola Y fica localizada na rua Projetada 50, S/Nº, no Bairro: Piauí, atende um público de mais ou menos de 800 alunos, nos turnos manhã, tarde e noite, com uma estrutura física de 08 salas de aula, uma brinquedoteca e outra reservada exclusivamente para leitura, sala de professores, sala da diretoria, banheiros, cantina, espaço para recreação, auditório e almoxarifado e abrange uma grande área facilitando o processo educacional.

1.4 Observação

As observações e aplicação de questionários aconteceram no período de 18 de setembro de 2009 a 11 de novembro de 2009. As observações em cada sala aconteceram numa média de 8 horas, totalizando uma carga horária de 64 horas, todas no turno da tarde.

Para contribuir com o resultado da pesquisa foram feitas observações que auxiliaram na distribuição e organização dos dados. O autor Chizzotti (2003, p. 16) fortalece esta questão dizendo que “[...] a observação é o núcleo originário e privilegiado de pesquisa que visa obter conclusões a partir da experimentação”. Para que consigamos bons dados na pesquisa, a observação possibilitará uma organização dos dados, fazendo um comparativo entre a observação e o questionário aplicado.

Assim, para Chizzotti (2003):

Observação direta ou participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectivas e seu ponto de vista. (CHIZZOTTI 2003, p.90)

Em meio a tantas questões que envolvem o educando em sala de aula, principalmente quando se trata de certos conceitos arcaicos e atrasados para o ensino desta

atualidade. As aplicações dos questionários fomentaram mecanismos hábeis e fáceis para constar o objetivo central deste trabalho.

1.5 Questionário

O questionário é uma técnica de investigação; elaborada a partir de questões escritas. Esse instrumento foi aplicado com as dez professoras escolhidas, e teve como função principal fornecer subsídios para o pesquisador.

As indagações aos professores serão classificadas quanto à sua forma da seguinte maneira: perguntas abertas onde o interrogado responde com suas próprias palavras, e perguntas fechadas em que traçamos opções determinadas para resposta. No caso desta pesquisa, optamos por perguntas abertas visto que assim, as professoras se expressam de acordo com seu pensamento diante de tais assuntos conhecidos.

Durante a visita para observação na sala de aula, foram entregues às professoras o questionário com perguntas abertas, que oportunizou a elas uma reflexão sobre sua prática educativa podendo se expressar livremente. As perguntas abertas têm por finalidade encontrar fontes através de idéias particulares, produzidas pelos próprios professores, sem nenhuma intervenção nos questionários por parte do pesquisador.

1.6 Categorias de Análise

Este trabalho teve como categorias de análise os pontos abaixo relacionados:

- A prática pedagógica do professor em sala de aula;
- A visão sobre autoridade e a relação com os alunos;
- A relação de autoridade e autoritarismo;
- O posicionamento do professor frente aos aspectos do diálogo e da autoridade em sala de aula;
- Opinião acerca da postura adotada pelo professor em sala de aula.

Estas categorias contribuíram para uma melhor fundamentação dos princípios deste trabalho, bem como, estabeleceram um olhar crítico a respeito das práticas do professor em sala de aula.

CAPÍTULO II

PRÁTICA PEDAGÓGICA: a relação professor e aluno

O verdadeiro educador não é o palavreador fanático das falas que impressionam os incautos ouvintes, falas inconsistentes, que embasbaqueiam pelo dom da verdade.

Menegolla

No segundo capítulo enfocaremos as questões relacionadas principalmente à prática pedagógica, direcionando os pontos do diálogo e da autoridade do professor com seus alunos, partindo das relações interpessoais e educacionais, fazendo direcionamentos da prática pedagógica do professor na escola dando ênfase, principalmente, as relação estabelecidas no contexto da escola, isto é, as relações dialógicas ou autoritárias que ocorrem no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Para tanto, teremos como referenciais teóricos Freire (1996), Libâneo (1994), Menegolla (1989), Santanna (2002), Tiba (2006), dentre outros autores que estudam essa prática.

2.1 A prática pedagógica do professor em sala de aula

Não há como comparar a diferença entre a importância do professor na construção de sua didática e suas características junto aos seus alunos. Na sala de aula, dia após dia, poderá ele construir em seus alunos a sua identidade educacional. Freire (1996, p.59) relaciona que “[...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”, para isso a conduta do professor perante seus alunos demonstrará a que ponto ele respeita e beneficia um conhecimento favorável a vida educacional deste educando, não bastando apenas fornece-lhes subsídios para o aprendizado, mas colocar algo com significado e postura educacional e moral.

Para conciliar os aspectos existenciais no aluno, o educador precisa mais do que trabalhar os fundamentos fora da sua conduta educacional, deve posicionar-se a serviço do próprio educando mostrando habilidades e conhecimentos indispensáveis à sua vida escolar e

social. Para Santanna (2002, p.20) “[...] o professor que se preocupa com a pessoa é o professor que educa. Educar a pessoa é evitar a exploração, a avareza, a ganância, o orgulho e a violência.”. Observamos que esta relação evidencia características essenciais para a realização da educação de maneira sócio educativa, não bastando para isso uma relação suave e benéfica para ambas as partes. Santanna (2002, p.20) discorre ainda a respeito deste assunto com a seguinte frase: “ O aluno não é apenas um ser racional, mas é um ser que se dispõe, que ama e quer ser amado[...]”.

O professor encontra-se com a missão de educar o aluno que vem a sala de aula em busca de mecanismos para o conhecimento, muitas vezes, até solitário e sem nenhuma base escolar construída na família, com o objetivo único de aprender e valorizar os conteúdos a ele repassados. Logo, verificamos que para estabelecer um bom diálogo no campo educacional, muitos são os meios favoráveis a boa aquisição e incentivo educacional para o aluno, em que não basta ao professor ‘jogar’ o assunto e o aluno, às vezes, aprender com certa repressão e imposição do professor.

Assim só será possível diminuir essa relação de prática pedagógica autoritária do professor na escola a partir da reconstrução da sua didática como professor e da conduta do aluno mediante tal realidade em que se encontra. Santanna afirma:

[...] A didática pode oferecer perspectivas de ajudar a escolher o que ensinar para que o aluno aprenda como aprender, habilidade que requer conhecimentos e uma grande visão, não só do presente, mas também do futuro. O professor não pode se basear na idéia de que deve simplesmente ensinar o que lhe ensinaram. (SANTANNA, 2002, p.27).

Neste contexto, o professor precisa ter consciência de que sua prática deve ser direcionada em benefício do aluno, e não em seu próprio favor criando laços didáticos que poderão contribuir na realidade educacional do aluno, lhe concedendo qualidades essenciais para a vida sócio-cultural.

Para isso acontecer é necessário o professor reformular a sua prática para um comportamento perante a sociedade. Somos sabedores que para tanto não é muito fácil, até porque muitos dos nossos professores utilizam ainda métodos tradicionais e pouca abertura para a socialização. Para muitos professores isso se tornar impossível de quebrar, pois levam em consideração toda a sua ‘vasta experiência no campo educacional e social’. É só mesmo a partir de uma boa didática aprendida por esses educadores que poderemos começar a quebrar certos paradigmas da educação.

A autora Santanna, (2002, p.25) diz que “a didática pretende orientar o agir do professor e do aluno na sua ação de ensinar, de educar e de aprender”. Sendo assim, o vínculo da educação estabelecida entre o professor e o aluno são transportados em comum acordo, e ações desse tipo são levadas em contato direto com nossos alunos, além do mais firma vínculos de respeito e consideração para com os outros, pois é de grande relevância para educação.

Para isso, o professor deverá colocar mecanismos que instigue o aluno a estudar, melhorando os aspectos de autoridade, ou seja, sua postura de dono do saber deverá ir diminuindo por meio do diálogo e da habilidade do mesmo em empregar esse método na sua prática cotidiana.

A partir disto é que a efetiva compreensão e integração irá acontecer entre ambas às partes, pois o professor terá a capacidade de conhecer melhor os seus alunos e conviver de acordo com sua realidade social, familiar, política e cultural. Assim, Veiga (1994, p. 152) fala que “o vínculo que se estabelece entre professor, aluno e saber é fundamental para o processo ensino-aprendizagem”.

Para facilitar a compreensão dos alunos junto ao corpo docente, as habilidades deles alunos devem ser privilegiadas, não buscando favorecer o professor, deixando de lado todo o conhecimento conquistado pelos educandos, sabendo que o professor não deverá descartar esses conhecimentos adquiridos durante todo o processo de aquisição, pois isto leva a uma situação de empobrecimento intelectual e moral.

Nessa relação cabe ao aluno fortalecer o seu saber indo em busca de soluções para a suas interrogações e ao professor cabe auxiliá-lo nesta busca, transformando o “abstrato” em algo mais “concreto” e de fácil compreensão.

No processo de aprendizagem, o professor não pode ser aquele que irá somente passar o conteúdo de forma abstrata, com certo tom de autoritarismo, sem criatividade e objetivo para o aluno e sim aquele onde a didática adquirida ao longo do seu processo de formação continuada, fará com que o ensino envolva o aluno de forma motivadora, renovadora, segura e eficiente.

Muitos autores fornecem subsídios sobre o posicionamento dos professores diante da realização de tais acontecimentos na relação da autoridade e do diálogo em sala de aula, vale aqui ressaltar, a grande importância, na formação inicial dos alunos, da prática dialógica do professor. Menegolla(1989) coloca: “ Autoridade, com seus inabaláveis e solidificados poderes não pode se prostrar diante da ânsia de um esperançado professor que sente a angústia

em querer fazer alguma coisa para os outros que estão à sua volta” (MENEGOLLA, 1989, p.63).

Com isso, vemos uma necessidade da realização de políticas públicas para um ensino de qualidade, sabendo priorizar as formas de pensar e agir dos educandos, que complementa os desejos de boa parte da escola e não somente do professor.

Diante destas diferentes realidades educacionais é necessário construir um espaço de diálogo e interação social e política, sendo o professor o interlocutor de toda essa relação, descobrindo nossos caminhos e estratégias de educar, que assim como o Menegolla (1989, p 45) coloca, “[...] o professor educador é aquele que desperta personalidade, que desperta a vida, que ajuda a vida a viver, pois ele é vida que transmite vida” . Para Tiba (2006),

[...] Qualquer aluno que deseja aprender de verdade aprende com os professores..., O aluno que quer aprender é grato ao professor que lhe ensina, absorve com facilidade ainda as informações, transformando-as em conhecimentos praticamente sem exercícios. (TIBA, 2006, p 166).

Com isso é possível constatar que o autoritarismo não servirá de mecanismos favorável a educação, ao contrário, a prática reflexiva e dialógica é que ajudará na sua ação.

As características principais dos professores que usavam uma didática autoritária em sala de aula eram principalmente a postura rígida e inflexível mediante seus ensinamentos. Assim, acabava produzindo no aluno uma visão distorcida, do que seja um ensino com qualidade, respeito às diferenças e abertura para diálogo.

As várias formas de educar mostram que aos poucos vêm se estabelecendo uma ligação do diálogo com a postura autoritária do professor em sala de aula e isso contribui e dissemina os aspectos do que era antes uma educação bancária, colocada por Freire (2005):

[...] Enquanto, na concepção ‘bancária’ – permita-se-nos a repetição insistente – o educador vai ‘enchendo’ os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo.”(FREIRE, 2005, p. 82)

De acordo com o surgimento de novas técnicas de aprendizagem, muitas coisas modificaram ao longo de todo o processo educacional. Como esquecer a época em que se educava com a utilização de palmatória e a prática de colocar o aluno ajoelhado sobre grãos

de milho e feijão e as orelhas de burro, onde o aluno que não obedecia a seu professor ou até mesmo, quando respondia errado às perguntas a ele direcionadas era submetido a várias palmadas, ou até mesmo os próprios pais se utilizavam destes recursos para colocar a criança para estudar.

O que vemos hoje são direitos dados aos alunos e novas práticas educacionais; às vezes, mais eficientes e que possibilitam o extermínio do autoritarismo em sala de aula e a compreensão das dificuldades dos alunos através do diálogo.

Os métodos e as técnicas inovadoras do ensino ajudam mais ainda o ambiente escolar. Hoje há a capacidade de estruturar a rede de ensino educacional, onde ela possa se fortalecer na realização de práticas educacionais mais dinâmicas, contribuindo para a aplicação de mecanismos concretos e corretos para ação do professor em sala de aula, possibilitando um crescimento apto a quebrar essas barreiras do ensino.

2.2 A autoridade do professor e os aspectos que influenciam o aluno

A ação do professor é fator importante na elaboração, execução e fixação dos conhecimentos do aluno. A boa relação entre ambas será de grande relevância para um bom professor com didática, capaz de ser exemplo ético para os seus alunos.

Não podemos deixar de mencionar Libâneo (1994, p. 249) que colocou, “[...] podemos ressaltar dois aspectos da interação professor-aluno no trabalho docente: o aspecto cognoscitivo e aspecto sócio-emocional...” e também que “[...] o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas.” (LIBÂNEO, 1994, p 250)

Um dos pontos interessantes de Libâneo (1994) é quando relata:

[...] A autoridade do professor e a autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias, mas, de fato, complementares. O professor representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade. Nesse sentido, a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade. (LIBÂNEO, 1994, p.251)

Neste contexto, podemos observar que a didática tem um objetivo mais amplo do que se possa imaginar na correlação da prática pedagógica do professor na escola. Ela deve ultrapassar as barreiras da educação, objetivando um bem: a competência e a capacidade de buscar os conhecimentos em fatores de aproximações e aquisição da sabedoria.

Os transtornos que ficam na prática pedagógica autoritária do professor na sala de aula refletem em grandes dificuldades no ensino, construindo um aluno cheio de medos e apatias e principalmente, sem querer aprender o conteúdo construindo no professor a concepção de só passar “conteúdo e mais conteúdo” sem nenhuma ligação com o meio em que está inserido o aluno. Isso torna o ensino abstrato e autoritário, deixando de lado o papel do educador que deveria ser o de construir mecanismos de educação com base sólida e eficaz para a vida futura do aluno, onde o mesmo deverá estar sempre estimulado em apreender e ter uma conduta capaz de quebrar barreiras.

Assim, a ligação que há entre os processos de ensino-aprendizagem fará com que as formas e modelos de uma educação igualitária e de perfeitas condições para que o professor possa aplicar a sua didática, contribuirão mais ainda com as práticas educacionais e sociais, no meio de tantas ideologias criadas pela sociedade, onde a escola é o ambiente ideal para essa aplicação, tendo assim um avanço muito bom para a educação dos alunos, sendo o professor o protagonista de todo este processo didaticamente construído; olhando sempre como essa Prática Pedagógica Autoritária do Professor representará para a vida do aluno e também a escola no qual leciona.

O fortalecimento dessas práticas só faz do professor um ser crítico e fechado quanto a sua forma de ensinar. Ele forma apenas meros agentes receptores de conhecimentos e adeptos de conteúdos que não têm tanta significação.

Freire (1996, p.105) afirma que “[...] o grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade.” A construção da democracia em sala de aula só será possível através do diálogo entre o professor e seus alunos, sendo necessário para isso utilizar de outras formas de interação e socialização do indivíduo em sala. Sabemos hoje da realidade em que se encontram os professores, sobretudo, os nossos professores que só visam, muitas vezes, o conhecimento adquirido por eles mesmo durante sua formação e interação com os demais. Encontramos vários professores que em sua prática usam de diferentes meios para impôr e disseminar seu raciocínio, deixando de lado a democracia escolar e o diálogo em conjunto.

Freire (2005, p. 81) acrescenta que “[...] a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem absoluto, isolado, solto, desligado do mundo” Educação de verdade é essa que traz a prática da liberdade, que foge dos conceitos de agressão e ameaças para o aluno, enquanto cidadão que está crescendo na vida educacional. A negação do homem absoluto como o próprio Freire (2005) coloca são princípios fundamentais para quebra de postura do professor que quer somente ser o dono da verdade.

Não podemos deixar de citar um dos vícios já existentes em nossa educação que é a educação bancária bem falada por Freire (2005):

[...] Na concepção ‘bancária’ que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da ‘cultura do silêncio’, a ‘educação’ ‘bancária’ mantém e estimula a contradição.(FREIRE, 2005, p. 81).

Por conta da educação configurada pela prática da dominação, os alunos acabam tornando-se indivíduos apenas para receber o saber e armazenar, como se fosse um ‘recipiente’ que recebe o conhecimento sem saber do real significado para a sua vida escolar e social.

A discussão que envolve a educação bancária produz na escola um reflexo negativo do sistema educacional vivenciado a cada momento nas instituições públicas de ensino, por isso o professor por meio de práticas que possam fortalecer e melhorar sua postura em sala de aula deverá saber o que fazer frente a estes conceitos atrasados, principalmente no que se refere a apenas o jogar conteúdos, sem ao menos diagnosticar que valores éticos e saberes pedagógicos estão sendo transmitidos ao longo de todo processo de aquisição.

Educação bancária, segundo Freire (2005), se desenvolve na dimensão dos pontos a seguir:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; (FREIRE, 2005, p.68).

Esta citação reforça ainda a idéia de uma educação bancária, onde conduzia ao professor uma característica fora dos objetivos e metas para a educação. Hoje, o professor que

vivencia esta prática é dono de uma visão fora do contexto educacional e distante da relação com o aluno.

O professor autoritário que tem suas raízes ainda numa educação tradicional, deverá utilizar o diálogo como uma forma de interação com seu aluno. Vejamos que a partir do momento que o professor usa, com moderação, a autoridade em sala de aula contribui para que seu ensino seja de qualidade e passa a exercer essa autoridade com competência, domínio dos conteúdos e principalmente no uso do diálogo existindo o respeito às diferenças, tornando o ambiente escolar mais democrático.

2.3 O diálogo do professor em sala de aula

A presença do diálogo em sala de aula transcreve as idéias de democracia e cidadania na escola, onde cada um tem o dever de ouvir e o direito de falar. Aquino (2002), dá sua contribuição a respeito do diálogo:

[...] Radicalizar o diálogo supõe uma con-versão, mudança de rumo, de metodologia. (...) Cada um tem o direito e o dever de dizer a sua palavra e o direito e o dever de escutar a palavra do outro. A capacidade de falar e escutar são inseparáveis. (AQUINO, 2002, 42).

O professor deve sempre contribuir para que sua prática pedagógica aconteça de forma autêntica e sólida. Cabe nos direcionar sempre aos acontecimentos dos vários autores que discutem sobre as formas cada vez melhores para colaborar com esta prática dialógica na escola, diminuindo os pontos de autoritarismo e aumentando os laços de diálogo entre os alunos. Dentre esses autores, as idéias de Freire (1996), e Romão (2002), fortalecem o princípio que os professores deveriam se utilizar de uma pedagogia dialógica, pois ela “[...] centra a aprendizagem não numa negação do ensino, mas numa relação dialética entre aprender e ensinar, com a precedência e a predominância do primeiro” (ROMÃO, 2002, p. 115). Muitos conceitos e técnicas como essa ajudam a nos posicionar a respeito das idéias de professor autoritário e dialógico.

O diálogo é um ponto fundamental na relação professor e aluno. Iremos citar alguns, importantes conceitos que consideramos ideais para a existência do diálogo, a fim de que o professor aprenda com seu aluno; tendo contato com outras visões de mundo e facilitando a aprendizagem do educando.

Reforçaremos alguns dos conceitos e ensinamentos de Freire (1996, p.30) que estabelece condutas fáceis de existir na relação entre professor e aluno, assim ele descreve: **‘O ensinar exige respeito aos saberes dos educandos’**: o professor sabendo valorizar os conhecimentos dos educandos, sua realidade social e familiar, convivendo com suas práticas emocionais construirá uma relação harmoniosa capaz de quebrar todos os entraves do conhecimento e também da relação professor e aluno. Muito se discute sobre esta temática que coloca os professores fora dos contextos sociais e morais da vida do aluno. O aluno que já traz consigo conhecimentos do seu cotidiano constrói um saber que o professor deverá respeitar e, sobretudo, analisar a sua prática, em que deverá estruturar seus ensinamentos de acordo com o que o aluno já sabe e convive.

‘Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática’(FREIRE, 1996, p.38). Quando Freire (1996) refere-se a um pensar crítico sobre a prática quer fortalecer o pensamento de que precisa o professor está em contato direto e sempre avaliando a sua prática, assim ele relata: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39). A necessidade de olhar a própria prática fez do professor, um construtor de conhecimentos valorizados e diagnosticados na vida escolar do aluno. Um professor que reflete um ato autoritário dificilmente conseguirá interiorizar este conceito, parte de uma ação voluntária e humana que visa criar uma melhor metodologia e designar uma formação bem elaborada pelo aluno.

‘Ensinar não é transferir conhecimento’(FREIRE, 1996, p.47), um dos conceitos importantes que ultrapassa a realidade do ato de ensinar é caracterizar um ensino que apenas repassa conteúdos e mais conteúdos, deixando de lado os atos livres de ensinar para um ato de obrigar a aprender. Diante do que é colocado, fazendo das relações de cidadania uma construção para relações de dever aprender o que está sendo passado, dificilmente encontraremos alunos que perante esta realidade saberão assimilar o que precisam aprender. Transferir o conhecimento sem uma relação de interesse para a vivência do aluno é cair por terra todo o trabalho produzido pelo professor, julgado o que Freire coloca: “Não torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários” (FREIRE, 1996, p. 48). Tendo em vista que, o ensino não terá tanto respaldo e firmeza já que o básico é jogar o conhecimento sem saber se o aluno estará aprendendo.

‘Ensinar exige bom senso’(FREIRE, 1996, p.61). Ao pensar em um professor que utiliza a prática do bom senso em sala de aula, terá também a visão de um conciliador de

idéias e atitudes legais por parte dos alunos. Ao nos referirmos sobre estes aspectos, encontramos várias idéias do saber educar e como vivenciar estes saberes, basta entendermos que o professor, na condição de ser humano, convive com os vários problemas que afligem sua prática e sua vida, em que trabalhamos, dormimos e acordamos sempre para uma nova etapa, mas para o professor sempre construir uma harmonia excelente todos os dias ao ensinar é quase impossível, daí o bom senso existe na sua prática, sendo que se torna uma tarefa difícil para o professor, sempre manter um clima bom ao dar aula, para isso ele deve demonstrar um senso legal, e que, às vezes, mostrar alguns pontos de autoritarismo, pois precisa-se sempre criar esses atos para manter também um respeito e bom diálogo entre seus alunos.

As formas e características do professor poderão, em quase todos os momentos criar vínculos, que atrairão seus alunos, principalmente no modo de pensar e agir. Esses traços dos educadores acabam que servindo de exemplo para seus educandos, como diz Freire (1996):

[...] O professor autoritário, o professor licenciado, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p.66).

Assim se verificarmos a docência, ela ultrapassa muitos requisitos e realidades educacionais que são formadoras de indivíduos críticos e que irão levar consigo todas as características que são relevantes por parte do professor, fazendo no aluno, às vezes, um auto retrato do seu professor, ou a junção dos vários professores que este aluno teve. O professor é um exemplo a seguir, é realista para as formas de pensar e agir do aluno, provocando no professor uma conduta satisfatória, onde precisará de todos os meios possíveis para realizar a sua tarefa docente, desde os recursos físicos aos recursos didáticos, com condições favoráveis para um bom ensino pelo professor.

Ele encontra vários obstáculos no decorrer de toda a sua prática, o que prejudica o bom andamento do ensino e posteriormente a má formação educacional e, porque não dizer, formação política. Em vários casos, não deveremos sacrificar o professor por certas ações que pode ser ele o inocente de todo o acontecimento.

'Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores' (Freire, 1996, p. 66). Se há uma coisa que precisa muito ser revista é a prática da

humildade, tolerância e luta em defesa pelos direitos dos alunos. O professor que não olhar e nem praticar alguns desses pontos chega a ficar muito prejudicado por não manter a integração e compromisso em fortalecer a sala com sua postura dialógica.

A humildade e tolerância são fatores que tornam-se indispensáveis à vida do professor e, neste caso, são responsáveis na construção de uma prática pedagógica respaldada na compreensão e na gentileza. Ao fazer isso, o professor estabelece vínculos produtivos na vida social e educacional de seus alunos, possibilitando a todos uma outra visão da educação e da escola.

Ressaltamos os saberes que Freire (1996) coloca como importantes para o ato de ensinar:

[...] O autoritarismo e a licenciosidade as rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra autoridade (FREIRE, 1996, p.89).

É muito difícil realizar em sala de aula e fazer acontecer o pensamento da liberdade e de outro lado do autoritarismo, podendo criar novos laços entre a relação professor e o aluno possibilitando a todos um bom processo educacional.

Se a base de uma boa educação começa pela família e completa-se no convívio da escola e da sociedade, que característica ficará quando não há uma boa integração entre liberdade e autoridade; conceitos esse muitas vezes até impossível de acontecer e ser estabelecido em sala de aula.

Chegamos a um dos pontos principais nas relações de práticas autoritárias e relações de diálogo entre professor e aluno. Freire (1996, p. 91) fala que o “**ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade**” se pensamos que o professor ensina com maciez e segurança transmitindo esses vínculos educacionais para a vida dos alunos, trabalhando métodos que facilitam a aquisição de conhecimento pelos alunos, em alguns casos, estamos enganados. O professor ao estruturar sua didática acaba criando certos costumes e postura até burocráticas.

A segurança transmitida pelo professor gera muitos reflexos que são interiorizados pelos alunos durante todo o processo de ensino aprendizagem e também por toda a vida. Agora, cabe ressaltar que a segurança em dar aula focaliza aspectos interessantes quando são levados de maneira bem explícita e como são colocados, por vezes de forma imposta pelo educador.

Isso não quer dizer que o professor com segurança em sala será o detentor do conhecimento, utilizará de uma certa autoridade, para chegar até inibir seus alunos com seu estilo “dono do saber” e construtor do conhecimento, é justamente, aí que o professor demonstrará toda a sua competência profissional. Vale salientar que Freire (1996, p. 92) coloca: “[...] o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.”.

Vemos então, os dois lados da questão: de um lado a construção profissional leva a um bom saber de seus conteúdos e métodos, não usando de autoridade para estabelecer segurança em sala de aula e o diálogo para uma melhor compreensão e contribuição para os aspectos de ensino aprendizagem; de um outro lado, a não profissionalização, não capacitação e outros aspectos que não colaboram na formação continuada desses educadores descaracterizam o professor na sua prática docente, levando-os muitas das vezes, a ser um mau professor e isso não quer dizer que usando, ou não, de saberes o professor construirá uma prática docente autoritária, pois “[...] há professores e professoras cientificamente preparados mas autoritários a toda prova.”(FREIRE, 1996, p. 92).

No uso de suas atribuições professores variam as formas de pensar e agir. Cabe aqui construir um pensamento importante acerca do professor: o diálogo em sala de aula pelo o mestre torna-se uma qualidade de bom professor. Dessa forma, o professor precisará sempre melhorar suas habilidades e conceitos educacionais, morais e éticos na escola, fazendo deles subsídios para a sua prática em sala.

Para estabelecer uma boa relação na vivência educacional com os alunos vários aspectos são interessantes desde a maneira como dar aula até a forma de tratamento com os mesmos. Freire(1996) chama de ‘autoridade coerentemente democrática’ a educação fundada na liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina que jamais minimiza a liberdade, sendo assim uma autoridade com democracia que quebra todos os vínculos de imposição e passa a levar em consideração todos os mecanismos de valorização do indivíduo, enquanto ser que constrói sua própria identidade, a partir de suas ações, visando o entrosamento, a colaboração e integração do aluno em sala e na sociedade.

Com certeza, a partir destas atitudes de democracia, o ambiente escolar passa a ser integrado de modo mais eficaz e produtivo, favorecendo as ações de igualdade e liberdade com certa consciência, em que o abuso em alguns momentos poderá prejudicar as relações e ações de ambas as partes.

Se pensarmos que dando liberdade para os alunos o professor não terá domínio na sala e se analisarmos que usando de autoridade o professor acaba prejudicando as características de cada aluno, podemos, então, esclarecer que a liberdade em sala constrói bons vínculos e para que isso aconteça será preciso disciplina dos alunos, pois sabemos que liberdade e autoridade só caminham juntos se todos colaborarem para uma relação satisfatória na escola.

A autoridade não pode ser vista como um bloqueio da liberdade e da autonomia dos alunos, confundi-la é um erro perante a educação e os princípios humanos. O professor que consegue abandonar uma postura de o todo poderoso dentro da sala, ajudará na formação de seu aluno como cidadão e componente de uma sociedade justa e igualitária.

A didática e o diálogo do professor com os alunos tornam-se peças fundamentais para amenizar os conflitos existentes nestas relações autoritárias, onde regras impostas pelo professor - que são impossíveis de serem questionadas pelos alunos - passam a prejudicar o ambiente escolar e o processo de ensino aprendizagem como um todo. Logo, o diálogo estabelecido nas partes envolvidas no processo educativo, transforma o trabalho pedagógico numa ação democrática e construtiva para as atuações estabelecidas no contexto escolar, fazendo do aluno um colaborador e parte integrante na construção do conhecimento.

Ao fazermos uma construção do saber transmitido sobre tudo o que esses autores colocam quando fazem uma relação de autoridade e diálogo dentro no ambiente escolar, encontramos várias respostas para questionamentos feitos durante toda essa pesquisa, como Veiga (1994, p. 67.) coloca, "O professor é valorizado no seu papel de autoridade que orienta e favorece o processo de ensinar e de aprender". E Santanna diz que (2002, p.33): "[...] O melhor professor é aquele que, em cada situação particular, souber empregar a mais adequada técnica de ensino para comunicar-se fazendo com que o conteúdo possa ser entendido e assimilado sem distorções". Logo, para chegarmos a essas discussões das idéias que esses autores tiveram sobre autoridade e diálogo, devemos nos colocar nas condições reais de ensino aprendizagem em sala de aula.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E COMPREENSÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO

PROFESSOR EM SALA DE AULA

Não pode haver conhecimento pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador.

Freire

Neste capítulo apresentamos os dados coletados durante toda a pesquisa realizada nas escolas acima mencionadas, com base nos questionários aplicados as professoras do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano de 02(duas) escolas públicas municipais da cidade de Parnaíba.

Ao longo de todo o processo de observação podemos notar a grande dificuldade de manter uma escola e principalmente uma sala de aula em perfeitas condições de uso, de respeito para a realização de uma boa prática pedagógica por parte do professor, que foge de todos os aspectos educacionais e morais.

Nas várias observações realizadas conseguimos perceber que a cada análise dos atos desenvolvidos pelos professores e alunos, novas descobertas foram diagnosticadas, construindo, assim, bases para um bom aproveitamento das características essenciais de um professor que relaciona-se bem com os alunos, como também verificar se os professores mostraram traços de autoritarismo.

Os resultados da investigação foram divididos a partir das categorias de análise a seguir:

3.1 A prática pedagógica do professor em sala de aula

Segundo as observações e os questionários aplicados nas duas escolas públicas, que totalizaram 10(dez) salas de aula, conforme quadro 01, na página 15, os principais aspectos encontrados no que diz respeito à opinião dos professores e a sua prática pedagógica na sala de aula. Tivemos as respostas abaixo:

[...] O professor não é simplesmente um transmissor de conhecimentos, mas aquele que orienta, estimula e interage com seus alunos. Essa é minha prática pedagógica “interação” e “observação”. (prof. A)

[...] É boa. Tento repassar tudo que sei para meus alunos, para que eles possam entender. (prof. E)

[...] Desenvolvo meu trabalho de acordo com a necessidade e desenvolvimento dos alunos.(prof. P)

[...] Boa, adequada ao nível dos alunos, mas estamos sempre construindo conhecimento. (prof. Q)

[...] Trabalho com seriedade e respeito pelos meus educandos. (prof. R)

[...] Procuro adotar sempre uma dinâmica para envolver os alunos, antes de aplicar o conteúdo e acima de tudo valorizar o outro. Sempre busco no meu aluno, esses valores: respeito, amizade e união. Pois acredito que na vida o respeito entre as pessoas é primordial. (prof. S)

Como vimos através destas primeiras respostas, as professoras A, E, P, Q, R e S se posicionaram muito bem na questão que se refere a sua ação pedagógica. Outro grupo de professoras (B, C, D e T) foram bem críticos ao responderem sobre sua prática pedagógica na sala de aula que apontaram outros mecanismos que poderiam ajudar e contribuir para um melhor desenvolvimento da mesma. Assim responderam:

[...] Obedecendo as normas dentro do padrão educação, oficinas, projetos etc. (prof. B)

[...] Nem sempre é satisfatória, principalmente por falta de recursos que a escola não dispõe, e a falta de participação dos pais nas atividades desenvolvidas dentro da sala de aula. (prof. C)

[...] Realizado através de projetos, planejamento.(prof. D)

[...] Infelizmente, é da melhor maneira possível. A falta de recursos e de boas condições de trabalho nas escolas públicas é um dos maiores problemas que os professores enfrentam. (prof. T)

Diante de tais respostas conseguimos verificar que para ter uma prática pedagógica excelente, será preciso recursos didáticos e total incentivo do corpo da escola, no que diz respeito a projetos e oficinas para os educadores realizarem sua prática com eficácia, e

os pais dos alunos darem apoio e estarem presentes na escola participando ativamente da vida escolar de seus filhos.

Ao compararmos suas respostas com suas ações em sala de aula, muitos destes professores se confundem ao conciliar a prática, a partir de mecanismos que possam contribuir para suas ações, em que o primeiro grupo de professoras analisados demonstram que suas habilidades partem dos conhecimentos e atitudes dos educandos, e que, na verdade, o segundo grupo citado, foca outros pontos essenciais a sua prática pedagógica.

No entanto, as observações mostram alguns professores empenhados em realizar uma boa prática, não importando se há ou não recursos disponíveis para sua ação, pois até mesmo as professoras que foram contrárias aos conhecimentos dos alunos, convivem em sua escola com materiais didáticos suficientes para realização de sua ação pedagógica escolar.

3.2 A visão sobre autoridade e a relação com os alunos

Conforme foram observados nas dez turmas do Ensino Fundamental, a prática dos docentes caracterizou-se de forma a construir uma visão pedagógica que traduz um pouco as problemáticas entre professor e aluno. O questionário aplicado demonstrou que professoras B, C, E, P, Q, R e T; criam definições do que é o professor autoritário, onde alguns destes citados são até idênticos ao responder esta indagação, vejamos a seguir algumas de suas respostas:

[...] Um professor que dita ordens e o aluno obedece. (prof. B)

[...] É um professor que se impõe de forma ditadora, abusando do poder. (prof. P)

[...] É um professor que não dar oportunidade ao seus alunos de falar o que pensa, o que sabe. Dita ordens apenas. (prof. R)

Comparando as idéias colocadas pelas professoras B, P e R, vimos uma relação na sua prática pedagógica com traços autoritários bem visíveis. Nas observações realizadas os educadores mostram a todo tempo posturas que contribuem para sua imposição diante dos alunos como até mesmo transcrevem “[...] dita ordens e o aluno obedece.” (prof. B).

Na visão de autoritarismo das professoras C, E, Q e T, a compreensão deste aspecto em relação ao professor e o aluno contribuem para um conceito bem rígido do que é ser um professor autoritário em sala de aula. Vejamos:

[...] No meu ponto de vista, autoritário é aquele professor que tem uma postura arrogante e não deixa o aluno expor seu pensamento e participar dos conteúdos expostos durante as aulas. (prof. C)

[...] É aquele professor que não se preocupa com as necessidades e interesses de seus alunos, desenvolve suas funções de forma tradicional, bloqueando assim o processo de ensino aprendizagem dos mesmos. (prof. E)

[...] É um professor que só consegue o respeito dos seus alunos através do grito, e da demonstração de poder. (prof. Q)

[...] Todos os professores do mundo são autoridades dentro de sua sala de aula, e o devem ser. (prof. T)

Confrontando com as observações, as professoras C e E, tendem a valorizar em sua conduta pedagógica vínculos de autoridade, deixando de lado as relações de diálogo, cooperação e dinamismo com seus alunos. Já as professoras Q e T são bem enfáticas ao pronunciarem que a autoridade deve existir na sala de aula, onde a professora Q responde como vimos: “[...] consegue o respeito dos seus alunos através do grito...(prof. Q)”, não importando que os alunos estejam bem na sua aquisição de conhecimento, e construção de atitudes benéficas para o ensino.

No olhar bem mais categórico as professoras A, D e S produzem definições contrárias com relação as professoras B, C, E, P, Q, R e T do que seja, na visão delas um professor autoritário:

[...] É um professor que apenas manda e fala, e não proporciona aos seus alunos a questionar, o que é imprescindível para o ensino-aprendizagem.(prof. A)

[...] Um professor que dirige as regras, mas deixa espaço para o aluno desenvolver suas habilidades e competência. (prof. D)

[...] É o professor que tem domínio com a turma e ao mesmo tempo é amigo; compartilha junto com eles as alegrias e tristezas. (prof. S)

Diante destas características, as professoras D e S são bem compreensíveis nas suas definições de um professor autoritário, já fazendo uma ligação entre suas habilidades educacionais observadas em sala de aula. A professora S consegue transmitir a relação de diálogo e autoridade em sala, o que não foi possível observar na professora D, onde a mesma dificulta a interação do aluno com o assunto estudado.

3.2.1 A relação de autoridade e autoritarismo

Quando questionamos as dez professoras no que diz respeito ao entendimento sobre a questão da autoridade e do autoritarismo na sala de aula convém destacar que houve certa divisão de opiniões, onde os grupos que tiveram idéias semelhantes ao serem interrogados sobre o que é um professor autoritário ficaram todos divididos, onde até mesmo seus relatos sobre a prática, não condiz com que foi observado. Em relação a esta indagação, veremos a seguir:

[...] Autoridade é o direito ou poder de fazer-se obedecer, tomar decisões, e autoritarismo e uso indevido do poder. (prof. P)

[...] Autoridade trabalha mas com o respeito, diálogo. Autoritarismo impõe o respeito através do poder demonstrando ser maior e ter mais poder que os alunos. (prof. Q)

[...] Autoridade para mim é: prestígio respeito, influência que se tem sobre algo, alguém. Autoritarismo é para mim o uso inadequado do prestígio e influência que se tem sobre alguém. É o abuso da autoridade que nos assiste. (prof. R)

Levando em consideração as respostas feitas anteriormente no que tange ao professor autoritário, a professora P disse que é uma forma ditadora, abusando do poder, já na sua resposta em relação a autoridade e autoritarismo: “[...] Autoridade é o direito ou poder de fazer-se obedecer, tomar decisões ...”; houve uma confusão por parte desta professora do que seja realmente autoridade, pois Tiba (2006) conceitua autoridade como:

[...] algo natural e deve existir sem descargas de adrenalina, seja para impor, seja para submeter – pois é reconhecida espontaneamente por ambas as partes. Desse modo, o relacionamento desenvolve-se sem atropelos. O autoritarismo, ao contrário, é uma imposição que não respeita as características alheias, provocando submissão e mal-estar tanto na adrenalina daquele que impõe quanto na depressão daquele que se submete. (TIBA, 2006, p 24).

As professoras Q e R compartilham das mesmas idéias o que chama a atenção para o que coloca a professora Q em relação ao professor com autoridade, pois usa o respeito e, sobretudo, o diálogo na construção do processo de ensino aprendizagem. Em uma coisa estas professoras são parecidas, nas expressões de ‘abuso de autoridade’, ‘uso indevido do

poder' e 'ter mais poder que os alunos'. Logo, o autoritarismo para estas educadoras é fazer uso do saber para ser 'chefão' em sala de aula.

Outro grupo de professoras (A, C, D e S) responde as idéias de autoridade e autoritarismo, assim:

[...] O professor com autoridade é aquele que é respeitado pelos alunos, pela informações que a eles é dado. Em uma sala isso precisa existir. O professor com autoritarismo usa de sua condição e faz ameaças, impõe sem saber a opinião dos alunos. Sua arma principal é notas baixas e reprovação.(prof. A)

[...] Autoridade para mim é a disciplina que mantenho dentro da sala de aula. E o Autoritarismo é professor que pensa saber de tudo, desvalorizando o conhecimento do alunos e não deixa o expor seu ponto de vista. (prof. C)

[...] Autoridade é o direito de dirigir e toma decisões mas deixa espaço de ouvir sugestões.
Autoritarismo impõe só regras com rigor sem ouvir opiniões. (prof. D)

[...] Autoridade: o professor que tem domínio pela turma é respeitado e ao mesmo tempo é amigo.
Autoritarismo: o professor que domina a turma e não é amigo, passa para os alunos medo e nunca aceita que está errado. (prof. S)

Os enunciados das professoras mostram que suas respostas foram bem fortes ao conceituarem o autoritarismo, como por exemplo, quando estes colocam: “[...] faz ameaças, impõe sem saber a opinião dos alunos...”(prof. A); “[...] desvalorizando o conhecimento do alunos ...(prof. C); “(...)impõe só regras com rigor ...”(prof. D); “(...) passa para os alunos medo e nunca aceita que está errado...(prof. S). Nada mais justo do que um professor que produz respeito, domínio em sala de aula, abrir espaço para o diálogo e cria um ambiente democrático entre seus alunos, mostrou nas observações que estas professoras citadas trazem traços de autoridade em classe.

O último grupo de professoras (B, E e T) que foi questionado à respeito desta temática, trataram o assunto com certa maestria, onde as prerrogativas principais foram, como podemos analisar:

[...] Autoridade são normas a serem obedecidas. Ambas tem o mesmo sentido e o professor não deve perde seu moral.(prof. B)

[...] Vejo que autoridade de professor deve existir ainda, só que forma amigável. Enquanto que o autoritarismo deveria ser algo distante da nossa da educação. (prof. E)

[...] O ideal seria que os alunos fossem conquistados e se comportassem civilizadamente dentro da escola por respeito, mas dentro da sala só isso já não é suficiente. Ou o professor úsa da autoridade que sua profissão oferece ou perde o controle da turma. (prof. T)

Estas professoras formaram definições bem diretas das virtudes e defeitos do professor que tem autoridade, como: as normas preestabelecidas para um bom convívio em sala de aula, criando laços de amizade que possibilitaram maior respeito e controle da turma.

Como percebemos as características de um professor com autoritarismo vai além do exigir silêncio para ser ouvido e organização dos alunos; ele não discute as idéias e as tarefas são sempre sem objetivos e, como vimos, através das respostas das professoras, ele sempre ameaça, pune e quer que a sala aprenda do jeito que ele sabe ensinar e da forma que acha correto, impondo suas regras transmitindo assim sua maneira de pensar. Ou então, diante de seus ensinamentos não saberá ter o domínio da sala e as consequências são as piores possíveis, como colocado pelo autor Içami.

O professor autoritário não tem certeza da importância que está repassando para o seu aluno, apenas passa conteúdos e vê o aluno como um a mais no seu cotidiano escolar, sem precisar ir em busca de novas informações para o seu crescimento profissional.

3.3 O posicionamento do professor frente aos aspectos do diálogo e da autoridade em sala de aula.

No relacionamento entre professor e aluno em sala de aula se faz necessário pensar como está acontecendo a prática pedagógica, levando em consideração os aspectos que envolvem o diálogo e a autoridade. Com base nas informações coletadas quando questionamos as professoras observadas o seu ponto de vista de como é a sua relação com seus alunos, induzindo-as a reforçarem suas concepções, encontramos pensamentos como:

[...] Pela faixa etária (6 anos) acho muito importante estabelecer uma relação de confiança. Há interação e compreensão, principalmente porque o aluno deve ter a liberdade de errar, perguntar e corrigir-se. (prof. A)

[...] Boa, eles tem a liberdade de expressão (argumentar, questionar etc.). (prof. D)

[...]. Uma relação amigável, mas sem deixar de lado os limites dos alunos, pois para conseguirmos um bom desempenho de aprendizagem, temos que adquirir a confiança dos mesmos, sem abrir mão da disciplina. (prof. E)

[...] É uma relação amigável, onde deve haver respeito e obediência. (prof. P)

[...] É uma relação de amizade, companheirismo, procuro orientá-los com base na realidade que nos cerca e fazê-los ver o lado positivo do aprender e o negativo de não saber. (prof. R)

[...]. Ótima. Procuro mostrar sempre, que o ser humano precisa do outro para viver e que devemos respeitá-los como eles são. (prof. S)

Um dos pontos principais no processo de aquisição do conhecimento é sem sombra de dúvida na postura e relação com os alunos. O que percebemos no discurso de cada professora, foram suas maneiras relatadas na correlação entre seus alunos: as professoras A, D, E, P, R e S, conseguiram responder bem estruturadas, no entanto, algumas delas como as professoras: D, P e R foram muito contrárias as suas idéias, pois ‘a liberdade de expressão’ – prof. D; ‘relação amigável’ – prof. P e ‘respeitá-los como eles são’ – prof. R; fogem das ações que observamos em sala de aula; portanto, podem até existir o que relataram, mas não foi o que constamos ao observamos sua prática pedagógica frente aos aspectos de diálogo e autoridade.

Se for para existir harmonia em classe então pegamos como exemplo as respostas das professoras A, E e S que disseram: constroem sua prática bem dinâmica, importantíssimo para uma ação pedagógica excelente.

A construção de um bom professor passa pelas linhas reais de uma estrutura legal do ensino, a autora Cunha (1996) contribui muito ao relatar em seu trabalho pedagógico de pesquisa feita com vários professores que se espelharam no seu professor quando eram alunos para formar seu perfil profissional, como educador e como pessoa.

No caso das professoras B, C, Q e T encontramos muitas dificuldades em sua relação com seu aluno. Em comparação as observações feitas nas salas destas professoras e suas respostas, que como vemos a seguir que são visíveis quando respondem que é ‘estável’; ‘poderia ser melhor’, ‘lidar com a indisciplina dos alunos’; enfim verificamos que é complicada a relação destas professoras frente as questões do diálogo e autoridade:

[...].Estável, a cada ano que se passa os alunos chegam mais indisciplinado. Mais também depende muito da família. (prof. B)

[...]. É uma relação boa, mas poderia ser melhor se houvesse respeito mútuo entre eles e até mesmo para comigo. É um aluno que não tem um limite o que faz em casa quer fazer na sala de aula e isso atrapalha um pouco esse relacionamento. (prof. C)

[...] Boa. Mas eu tenho dificuldade de lidar com a indisciplina dos alunos, isso leva as vezes ao confronto entre as partes pois eles não tem limites em casa e não querem ter na escola.(prof. Q)

[...]. Não tenho problemas de relacionamento com eles. A não ser que eles não cumpram com o devido respeito, o qual devem ter com qualquer pessoa de seu convívio. (prof. T)

Quando se produz uma visão de professores que sabem ministrar suas aulas e outras que não conseguem, nem com a utilização da repreensão e imposição na sala de aula, manter a organização, fornecem para nós uma característica que se torna essencial na vida de qualquer profissional em educação que é a sua formação pedagógica e a constante formação em sua vida educacional.

3.4 A Opinião acerca da postura adotada pelo professor em sala de aula

Certas manias são aceitas no contexto pedagógico da sala de aula, mas quando elas acabam interferido na vida social e pessoal dos alunos passa a ser algo não aceitável. Na análise desta última categoria professores são levados a refletirem sobre suas opiniões à respeito da prática que adotam com base na postura autoritária, mas que infelizmente suas respostas são diferentes das presenciadas nas observações em salas de aula. Sobre isso elas respondem:

[...] Não. Porque essa postura demonstra um professor inseguro e dono da verdade, e atualmente no mundo globalizado, cheio de informações, o professor precisa de flexibilidade. (prof. A)

[...] Não, porque deixo meu aluno a vontade para que exponha sua idéia, valorizo suas opiniões. (prof. C)

[...] Não pois o autoritarismo não é necessário para bom desempenho escolar. (prof. E)

[...] Trabalho com base no diálogo e controle da sala de aula e justificando o que é , e que o que não permitido na sala de aula. (prof. P)

[...] Não. Trabalho com base na humanização, procurando torná-los conscientes de seus deveres mas também dos seus direitos, com autoridade, ou seja, respeitando – os e me fazendo respeita e não somente ditando ordens. Procuro escutar o que outro tem a dizer. Procuro ter influência positiva na vida de meus alunos. (prof. R)

[...]. Não. Como já falei exigo do meu aluno respeito e que seja respeitado, zelo por uma postura de professor dentro do compromisso e responsabilidade, até porque a sociedade cobra isso do profissional. Mas sempre abrindo espaço para os alunos colocarem suas opiniões. (prof. S)

As respostas destas professoras: A, C, E, P, R e S; são colocadas no dia a dia da escola, quantas coisas são visíveis de se observar e outras não chegam nem perto do que seja uma realidade educacional fora dos contextos de democracia e cidadania. Portanto, vemos características essenciais para este processo educacional, já que a autoridade do professor, como, Veiga (1994, p. 141) discorre que “[...] é evidenciada pelo domínio do conteúdo, segurança no emprego das técnicas e recursos de ensino e na própria relação que mantém com o aluno”.

Ao contrário do que responderam o grupo de professoras acima, outros como as professoras: B, D, Q e T; projetam uma visão de discursos claros a respeito da autoridade e diálogo em sala de aula; que como podemos notar os dois grupos trabalhados ao longo destas análises ficaram quase sempre iguais em pensamento pedagógicos e práticas educacionais em sala de aula.

[...] Sim, porque no mundo de hoje se o professor não for autoritário na sala de aula os alunos batem até no mesmo. (prof. B)

[...] Impondo-se como professor, colocando limites e regras. Porém se não é uma tarefa difícil impor limites. Sempre com humor buscando estratégias. (prof. D)

[...] Não. Procuro conversar muito com meus alunos mesmo sabendo que as vezes preciso recorrer ao grito para chamar atenção e conseguir o silêncio desejado. (prof. Q)

[...] Sim, pois qualquer professor que não usa de controle dentro da sala não consegue realizar seu trabalho em paz. Os alunos de hoje em dia, em geral, não aprendem em casa as regras básicas de educação, comportamento obediente, respeitoso e muitos são agressivos. (prof. T)

Todas as respostas das professoras produziram idéias de grande valor para este trabalho, bem como suas compreensões a cerca da importância de uma relação de respeito e diálogo na escola entre seus alunos, construindo nos educandos características essenciais para um cidadão ético e com valores fundamentais para o seu crescimento pessoal e profissional.

Entretanto, as observações e questionários aplicados mostraram pontos essenciais que servem para analisarmos que o professor precisa melhorar sua relação dialógica, tendo em vista ser o mediador entre o processo de ensino – aprendizagem e a transmissão e troca de conhecimentos, deixando assim de ser o detentor do saber, passando a ser um facilitador nas suas práticas docentes, voltadas à boa formação do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda a pesquisa, procurou-se fundamentar este trabalho em princípios norteadores para analisarmos como estava a prática pedagógica do professor em sala de aula, numa visão investigatória e compreensiva dos aspectos autoritários e dialógicos do professor.

Com base nos estudos feitos buscou-se verificar as dificuldades relacionadas com a autoridade e diálogo em sala de aula, principalmente na conduta do professor em dar aula e as atitudes do aluno. Proporcionou-se, também um melhor conhecimento das opiniões dos professores observados sobre os benefícios e os progressos para um ensino de qualidade; ao mesmo tempo procurou-se analisar esses professores no desenvolvimento de sua prática pedagógica, comparando suas ações com o que escreveram a respeito do assunto em questão.

Ao longo do estudo, algumas dificuldades foram encontradas, com certeza uma delas foi a falta de abertura de alguns professores ao serem observados, onde mostraram pouca flexibilidade nas suas idéias, quanto à prática pedagógica autoritária e dialógica em sala de aula.

Os recursos utilizados neste trabalho de pesquisa fortaleceram mais ainda o estudo, onde foi possível construir bases teóricas nos autores relacionados ao assunto estudado, para uma prática eficaz dos instrumentos usados e coletados nas observações e nos questionários aplicados, assim esses fundamentos foram importantíssimos na construção deste trabalho.

A existência do diálogo na escola facilita a ação do professor, mas para isso acontecer é necessário que o educador construa a partir da realidade do aluno e do seu pensamento a respeito das suas prioridades em educar para vida e para o conhecimento.

O posicionamento dos professores observados conduziu a novas idéias sobre o diálogo e autoridade em sala de aula, onde podemos perceber que o ambiente escolar fica mais democrático e com respeito às diferenças educacionais quando se utiliza no espaço escolar o diálogo e autoridade de maneira correta.

Este estudo teve como benefícios para nossa prática educacional manter um olhar vivo nos aspectos que direcionam o professor nas suas formas de pensar e agir na escola, pois através do respeito adquirido pelos alunos e a existência de um bom diálogo, logo o docente poderá ter características fundamentais para ajuda no seu cotidiano escolar.

Acreditamos, assim que o confronto das idéias principais deste trabalho poderá auxiliar nas habilidades profissionais dos educadores, fortalecendo as suas competências em dar aula e domínio dos procedimentos de ensino, sabendo com isso exercer sua autoridade com democracia atingindo uma boa relação educacional com seus alunos.

Assim, a autoridade e o diálogo podem servir de mecanismos essenciais para a prática pedagógica do professor em sala de aula, não bastando somente o educador ensinar com traços de autoritarismo, mas conhecer todo o processo de ensino aprendizagem que envolve desde as concepções educacionais até as concepções sociais de mútuo respeito e diálogo entre seus educandos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. São Paulo: Vozes, 2001.
- AQUINO, Miriam de Albuquerque(org.). **Cidadania e democracia: da escola para a vida**. João Pessoa: Universitária UFPB, 2002.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- CRIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 1996.
- FAZENDA, Ivani. A pesquisa como instrumentalização da prática pedagógica. In: _____ (org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 24 reimp. São Paulo: Cortez, 1994.
- MENEGOLLA, Maximiliano. **E agora, professor?**. 3. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1989
- ROMÃO, José Eustáquio. **Pedagogia Dialógica**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTANNA, Irza Martins; MENEGOLLA, Maximiliano. **Didática: aprender a ensinar**. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação**. 18. ed. rev. atual. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

_____. **Disciplina:** limite na medida certa. 75ª ed. rev. atual. ampl. São Paulo: Integreare Editora, 2006.

VEIGA, Ilma P.A.A. **Prática Pedagógica do Professor de Didática.** 3 ed. Campinas: Papirus, 1994.

APÉNDICES

APÊNDICES A
QUESTIONÁRIO



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFº ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA - PARNAIBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
PROFESSORA MESTRANDA: FABRICIA PEREIRA TELES.
ACADÊMICO: EDIMAR JOSÉ SOUSA DA SILVA

PREZADO(A) PROFESSOR(A):

Este questionário tem o objetivo primordial de elaboração do meu projeto monográfico, onde enfocará a respeito da Prática Pedagógica na Escola: um olhar sobre a autoridade e o diálogo do professor em sala de aula; diante disto gostaria de sua colaboração para a realização do projeto citado respondendo as questões abaixo.

De já agradeço pela sua compreensão.

1) Para atender as necessidades de informações para coleta de dados do estudo que será realizado, faz-se necessário indagar algumas perguntas acerca de sua formação, bem como sua prática. São elas:

a) Qual sua formação?

b) Há quanto tempo leciona? _____

c) Há quanto tempo leciona nesta escola? _____

d) Há quanto tempo leciona nesta série? _____

2) Na sua opinião, como é a sua Prática Pedagógica na sala de aula?

3) O que é para você um professor autoritário?

4) Como é a sua relação com seu aluno? Comente.

5) Na sua opinião, você é um professor que adota a Prática Pedagógica com base na postura autoritária? Justifique.

6) O que você entende sobre a questão da autoridade e do autoritarismo na sala de aula?

APENDICE B**ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO****GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ****UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI****CAMPUS PROFº ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA - PARNAIBA****CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA****PROFESSORA MESTRANDA: FABRICIA PEREIRA TELES.****ACADÊMICO: EDIMAR JOSÉ SOUSA DA SILVA**

1) Como é a postura do professor(a) na sala de aula ?

2) O professor(a) demonstra autoritarismo?

3) O professor(a) abre espaço para a participação dos alunos?

4) O professor(a) influencia alguns alunos com sua prática educacional?

5) A escola e a sala de aula facilitam para o crescimento da Prática Pedagógica Autoritária do professor? Comentários.

6) Como é a participação dos alunos na sala de aula?